

Ensaio de MARIA ISABEL MACEDO DA SILVA BENTO

INTRODUÇÃO

Neste curso estudaram-se os princípios gerais da Antropologia Bíblica, que proporcionam uma leitura da Palavra de Deus através de um olhar que permite uma total compreensão dos textos, pois é essencial conhecer a sociedade do tempo em que foram escritos sob a inspiração do Espírito Santo, considerar a sua autoria e a quem se dirigiam. Como tal, é fundamental fazer a exegese da Bíblia, de modo a conseguir uma interpretação crítica, mediante o debate proveniente de ciências tais como a Antropologia Cultural, a Sociologia, a Etnografia e a Arqueologia, numa ação que estabelece fronteiras entre diversos saberes. A Professora Lidice Meyer Pinto Ribeiro partilhou os seus vastos conhecimentos, transmitindo as noções fundamentais dos primeiros pensadores e desenvolvimentos históricos das bases desta temática, com o seguinte programa: “Antropologia Bíblica: definições e conceitos” (termos e noções fundamentais para o estudo da Antropologia Bíblica); “Antropologia Bíblica do Antigo Testamento” (pioneiros no estudo da Antropologia Bíblica e leitura socio-anropológica do Antigo Testamento); “Antropologia Bíblica do Novo Testamento (estudo da Antropologia Bíblica e leitura socio-anropológica do Novo Testamento); e “Análise Antropológica do Texto Bíblico” (bases do estruturalismo antropológico e o respetivo uso para interpretação da literatura sagrada). Logo na primeira aula, aprendemos que a antropologia bíblica permite ler cada livro na forma única e viva em que é apresentado e, igualmente, como foi criada a história, sendo necessário ser decifrada, decodificada, interpretada e compreendida de acordo com o contexto da época em que foi escrita, designadamente no que diz respeito a aspetos tais como a cultura, geografia e língua, bem como a própria intenção dos autores. (aula de Ribeiro, em 09.03.2024). Procurei escolher um tema que me fizesse sentido, pensando nos vários cursos da Universidade Lusófona frequentados nos últimos três anos: “O Sagrado Feminino: das origens ao cristianismo” (julho de 2021); “As Mulheres na Vida de Jesus” (março de 2022); “Maria Madalena: Santa e Profana” (julho de 2022); “O Sagrado Feminino no Antigo Testamento” (setembro de 2022); “As Mulheres da Igreja do Primeiro Século” (outubro de 2022); “O Apocalipse e a Mulher” (março de 2023); “Heroínas dos Deuterocanónicos” (agosto de 2023); e “As Mártires da Igreja Primitiva” (novembro de 2023). Por conseguinte, decidi escrever sobre o tema do adultério, do repúdio e do divórcio, com base no texto do encontro de Jesus com a mulher adúltera (Jo 8, 1-11).

DESENVOLVIMENTO

Neste episódio, os escribas e os fariseus armaram uma cilada a Jesus, para O colocarem à prova, pois conforme a lei, esta mulher deveria ser apedrejada (Lv 20, 10; Dt 22, 22-24). E parecia um beco sem saída, mas o Senhor inclina-se e começa a escrever no chão com o dedo, sem discutir a lei, mas mudando o alvo do julgamento ao afirmar “Quem nunca tiver pecado, que atire a primeira pedra”. E assim, esta resposta envergonha e derruba os adversários; e Ele não condena a mulher, apenas a advertindo para não voltar a pecar. A tendência oficial era de excluir a mulher de todas as atividades públicas e de a considerar inapta para quaisquer funções na sociedade, para além de filha, esposa ou mãe. Encontramos várias alusões aos períodos de impureza e de proibição de ser tocada, para não haver contágio, numa mentalidade segundo a qual a mulher era inferior ao homem. A marginalização chegava ao ponto de se considerar a mulher como a origem do pecado e da morte e a causa de todos os males (Ecl 25, 24). Por isso, se justificava o privilégio e o domínio do homem sobre a mulher, podendo ser condenada à morte por lapidação. Igualmente, a lei em relação ao divórcio determinava que esse direito era destinado aos homens, podendo a mulher ser repudiada pelo marido. A mulher era submissa ao homem (fosse pai, irmãos ou esposo), pois o patriarcado destinava-se à sua proteção. Na época dos primeiros livros da Bíblia, as mulheres podiam conceber filhos através das suas escravas, que se relacionavam sexualmente com o marido da proprietária, sem ser considerado adultério (Ribeiro, 2021).

O adultério é contrário à santidade porque se opõe à ordem, uma vez que ser santo é distinguir cuidadosamente as categorias da criação, idealizar definições justas e ser capaz de discriminar e de ordenar as regras relativas à moral sexual (Douglas, 1991). Na Bíblia encontramos a existência do contrato para o divórcio (Dt 24, 1-4), pelo que se pressupõe que também haveria um contrato para a união, ou seja, para o casamento. A lei pregava a fidelidade, tal como nos dias atuais, mas eram aceites alguns casos de adultério na sociedade. Naquele tempo, tal como hoje, a advertência é o amor mútuo entre marido e esposa, pois a separação não é propósito de Deus.

Antigamente, bastava uma declaração da parte do marido contrária à que se tinha estabelecido na união, para ser suficiente a redação do documento de repúdio e, através do libelo do divórcio, voltar a ter-se a liberdade, ficando os filhos com o pai, já que eram sua propriedade. Com a nova Lei de Jesus, a defender o perdão e o amor, encontrou-se uma nova realidade, mas a relação única entre um homem e uma mulher é um tipo de contrato que encontra dificuldades para se manter, sendo um vínculo em evolução permanente.

Uma outra curiosidade deste acontecimento da vida de Jesus, é o facto de o Senhor ter escrito algo no chão, que seria de areia ou terra batida. Isso aponta-nos para o valor dos registos escritos ao longo dos séculos, tendo inicialmente a mensagem da Sagrada Escritura sido transmitida oralmente e, depois, passada a escrito. Do curso bíblico “Introdução à Sagrada Escritura”, pelo Pe. David Palatino, vigário da Igreja Nossa Senhora do Rosário de Fátima em Lisboa, aprendi que o primeiro meio de registo terá sido a pedra, mediante lápides ou estelas com a forma de pedestais; um outro suporte que facilitava o registo da escritura com um estilete, eram as tabletes de barro e de argila; ter-se-ão seguido os fragmentos de cerâmica ou argila quebrada, sobre o qual se escrevia com um pincel de tinta, os designados *óstracon*; posteriormente, veio o papiro, proveniente das canas cortas em camadas e já conhecido três milénios aC, que era muito vulnerável à humidade e, como tal, frágil para os registos, começando a ser substituído gradualmente por rótulos de couro retirados das peles de animais; seguiu-se o pergaminho, obtido a partir da pele de cabra e com uma maior durabilidade, que podia ser cosido em rolos para permitir redações mais amplas; assim, se podiam obter os manuscritos chamados *códex rescriptus*, quando eram reutilizados devido ao alto custo – terão sido estes os principais meios de transmissão ou suporte da Bíblia, até se chegar aos rolos feitos de papiro ou pergaminho, os quais podiam chegar até aos 30 metros, sendo o seu manuseio difícil pois o leitor necessitava de usar as duas mãos, uma para o desenrolar e a outra para o ir enrolando; por isso, o engenho humano idealizou o livro nos moldes em que o temos ainda hoje, sendo os seus primórdios chamados *códices*, formados de várias folhas de papiro ou pergaminho sobrepostas e costuradas e mais usados pelas comunidades cristãs (ao contrário das sinagogas, que continuavam a utilizar os rolos), e que permitiam compilar vários livros bíblicos, sendo mais fácil o seu manuseio e mais rápida a procura de determinadas passagens.

Mas, o que terá Jesus escrito no chão e qual o valor desse gesto? Parece significativo o narrador referir que Ele escreveu com o dedo, tal como a referência às tábuas da Lei que foram entregues a Moisés na montanha do Sinai, escritas pelo dedo de Deus (Ex 31, 18), fazendo-se uso de um antropomorfismo que expressa a ação divina através dos membros do corpo humano. Neste episódio da adúltera, estamos perante o próprio Deus feito homem, que escreve com o Seu dedo humano. Não importa tanto o que Ele poderia ter escrito; o facto importante é que o Seu gesto e as Suas palavras mudam completamente a cena e isentam de culpa a mulher, depois de ela ficar só com Jesus, que atua como Juiz Todo Misericordioso.

Verificámos que a análise estrutural dos textos bíblicos pode permitir uma leitura sintagmática (elementos encadeados para gerar um significado, de forma isolada) e/ou uma leitura paradigmática (conjunto de elementos similares que se associam e relacionam, permitindo verificar semelhanças ou diferenças entre eles) (aula de Ribeiro, em 30.03.2024). Como refere Oliveira (2008), o testemunho bíblico não é uma totalidade, mas fragmentos culturais, o que expressa a pluralidade de tradições e costumes. Não se pode ignorar que alguns textos contêm características patriarcais e que a alteridade referente a diferentes etnias, nacionalidades, religiões, idades, géneros ou classes sociais, podem ser tendenciosamente ignoradas, silenciadas e distorcidas. As mulheres podiam ser vistas como a classe servidora dependente, com o estabelecimento de uma hierarquia simbólica: Deus – homem – mulher, onde o último não tem relação direta com o primeiro. Todo o texto bíblico deve ser compreendido dentro do seu contexto não só textual como também cultural e histórico. E Paulo, no seu contexto sociocultural e religioso, enfatizava que a mulher possuía em si autoridade e dignidade similar aos homens. E exortava todos, independentemente do género, para o crescimento do Reino, pois homens e mulheres são igualmente importantes na Igreja de Deus, onde não há espaço para distinções, pois ambos os sexos são vocacionados e usados pelo Espírito Santo para as diversas funções (Ribeiro, 2024).

A autoria masculina dos textos dá a percepção de que o protagonismo feminino é ofuscado nas narrativas bíblicas, mas uma leitura atenta revela a presença e atuação das mulheres em todos os momentos cruciais para o desenvolvimento do povo escolhido, revelando-se também a história das matriarcas.

De facto, a Bíblia não pode ser lida a partir dos nossos próprios interesses nem para apoiar ou confirmar os nossos pontos de vista, pois assim, estaremos a projetar os nossos pressupostos consciente ou inconscientemente e a condicionar a interpretação dos textos. É essencial conhecer a cultura e o sistema social da época, por isso, a Antropologia Bíblica ajuda a atingir uma adequada perceção, através da análise literária, da sociologia e do estudo crítico que situe os textos no contexto histórico apropriado. E isso implica ter em perspectiva a situação feminina no mundo mediterrânico do tempo de Jesus, pois as mulheres eram socialmente subordinadas, intelectualmente nulas e com uma liberdade económica relativa. Assim sendo, o conhecimento da posição da sociedade patriarcal e das questões sociorreligiosas envolvidas são fundamentais para a compreensão dos textos bíblicos que nos falam de mulheres (aula de Ribeiro, em 23.03.2024). Na realidade, a vida naquele tempo era muito diferente e é preciso considerar a cultura da época do judaísmo, porque os costumes, a legislação, os valores e a visão do mundo repercutiam-se em todos os aspetos sociais, políticos, económicos e religiosos.

CONCLUSÃO

Uma leitura dos textos bíblicos pela lente da antropologia possibilita a perceção de muitas *nuances* importantes para a compreensão dos seus significados originais, o que é imprescindível para uma boa exegese. Há que ser capaz de colocar de lado os conceitos da leitura tradicional e ficar recetivo à experiência de um livro vivo.

“Se o propósito da Bíblia é permitir aos leitores vivenciarem a fé, colocando-os em contacto com o agir de Deus na história, uma verdadeira compreensão dos textos proporcionará uma fé melhor” (Robertson-Smith *in* aula de Ribeiro, em 16.03.2024).

Segundo Alves (2013), a Bíblia não deve ser usada de nenhum destes modos: “fundamentalista” (interpretar o texto sagrado literalmente, sem ter em conta o que o texto diz para além das palavras), pois isso pode levar ao fanatismo; “apologética” (usar os textos para defender ideias ou doutrinas que não estão necessariamente presentes nos mesmos), o que é demasiado tradicionalista; “intimista” (interpretar os textos exclusivamente em benefício pessoal), pois não se trata de um livro de autoajuda; “esotérica” (como se fosse um livro de fórmulas mágicas), para não se enveredar pelo caminho do misticismo; “reducionista” (desprezar os aspetos sociais, económicos, políticos e culturais, para além da dimensão meramente religiosa), para não se cair no erro do devocionismo; “materialista” (interpretar a palavra de forma puramente científica, negando a inspiração divina dos textos), o que leva ao intelectualismo; “espiritualista” (ler a Bíblia com os olhos voltados apenas para a salvação pessoal, sem se preocupar com os irmãos), que é uma visão demasiado moralista. Também não se pode ignorar as condições históricas em que os textos foram escritos, julgando o tempo do passado como se fosse presente, pois isso é cair num anacronismo sem sentido, próprio de quem não sabe ler documentos históricos. Há, sim, que ter atenção ao sentido da Sagrada Escritura tendo em conta a sua unidade, a analogia da fé e a tradição da Igreja.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, H. **Dá-me dessa água. Métodos para ler a Bíblia**. Dinamização Bíblica 33, Coimbra, pp. 285-289, 2013.
- **Bíblia Sagrada**, Difusora Bíblica – Centro dos Franciscanos Capuchinhos, 2009.
- Douglas, M. **Pureza e perigo**. Lisboa, Edições 70, 1991.
- Oliveira, K. L. **Antropologia Feminina no Antigo Testamento: Mulher Estrangeira como Personificação do Mal**. *In* Protestantismo em Revista, Escola Superior de Teologia, Vol. 16, 2008.
- Ribeiro, L. M. P. **Antropologia Bíblica – ferramenta eficaz para a compreensão do texto bíblico**. *In* Revista Teológica SPS, Vol. 74, Nº 2, pp. 22-38, 2021.
- Ribeiro, L. M. P. **Paulo e as Mulheres**, *in* Revista Vida & Caminho, nº 116, pp. 38-43, 2024.
- Ribeiro, L. M. P. **Antropologia Bíblica: definições e conceitos**. Aula proferida no curso on-line “Introdução à Antropologia Bíblica” pela Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 9 de março de 2024.
- Ribeiro, L. M. P. **Antropologia Bíblica do Antigo Testamento**. Aula proferida no curso on-line “Introdução à Antropologia Bíblica” pela Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 16 de março de 2024.
- Ribeiro, L. M. P. **Antropologia Bíblica do Novo Testamento**. Aula proferida no curso on-line “Introdução à Antropologia Bíblica” pela Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 23 de março de 2024.
- Ribeiro, L. M. P. **Análise Antropológica do Texto Bíblico**. Aula proferida no curso on-line “Introdução à Antropologia Bíblica” pela Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 30 de março de 2024.

Lisboa, 12 de abril de 2024